

A PLURALIDADE RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA E A TEOLOGIA DO DOMÍNIO: ETNOGRAFIA DO DISCURSO DA EXTREMA DIREITA NEOPENTECOSTAL

**RELIGIOUS PLURALITY IN LATIN AMERICA AND DOMINION THEOLOGY:
AN ETHNOGRAPHY OF THE DISCOURSE OF THE NEOPENTECOSTAL
FARRIGHT**

Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas • 14/08/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/786646467](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/786646467)

Marcel Pereira Pordeus¹

Virna Maria Fernandes Magalhães de Lima²

Lia Montenegro Soares³

Marcelo José do Monte⁴

Marcia Maria dos Santos Souza Fernandes⁵

Marcelo Davi dos Santos⁶

Rosilene de Oliveira Furtado⁷

Rosiane de Oliveira Furtado Góes⁸

Alexandre Sousa Alves⁹

Marcia Andrea Maia Arruda¹⁰

José Célio Pessoa Fonteles¹¹

RESUMO

Este artigo examina o crescimento da extrema direita neopentecostal na América Latina, avaliando como esse movimento utiliza uma “gramática universal” de resistência cultural para articular discursos extremistas. O cerne da questão está em entender a transnacionalização religiosa por meio da utilização política de léxicos morais, especialmente o conceito polissêmico de “família”, como agentes de pertencimento e coesão contra o denominado “globalismo progressista”. O objetivo é investigar a criação de estruturas discursivas transnacionais e a constante presença desses atores contemporâneos em espaços físicos e ecossistemas digitais. A fundamentação teórica se baseia no reconstrucionismo cristão de R. J. Rushdoony e a Teologia do Domínio, realizando uma análise crítica das táticas de dominação religiosa e seu projeto de poder na esfera pública da América Latina. A metodologia sugere uma abordagem integrativa em três dimensões: a Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough, para revelar as estruturas de poder inerentes à linguagem; a Etnografia Multissituada de George Marcus, para acompanhar a fluidez transnacional e as conexões globais do movimento; e a Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu, para traçar as disputas por capital simbólico e autoridade política. Esse arcabouço visa revelar a complexa infraestrutura digital e ideológica que permite o progresso do neoconservadorismo. Somado a isso, a finalidade é proporcionar uma compreensão abrangente das dinâmicas que transformam a diversidade religiosa e desafiam a soberania democrática e o pluralismo institucional no contexto globalizado atual, abordando as lacunas relacionadas à influência da religião política nas democracias do Sul Global.

Palavras-chave: Neopentecostalismo; Teologia do Domínio; Gramática Universal; Transnacionalização.

ABSTRACT

This paper examines the rise of the neo-Pentecostal far right in Latin America, assessing how this movement uses a “universal grammar” of cultural resistance to articulate extremist discourses. The crux of the matter lies in understanding the transnationalization of religion through the political use of moral lexicons, particularly the polysemic concept of “family”, as agents of belonging and cohesion in opposition to so-called “progressive globalism.” The aim is to investigate the creation of transnational discursive structures and the constant presence of these contemporary actors in physical spaces and digital ecosystems. The theoretical framework draws on R. J. Rushdoony’s Christian reconstructionism and Dominion Theology, offering a critical analysis of tactics of religious domination and their power project in the public sphere of Latin America. The methodology proposes an integrative approach across three dimensions: Fairclough’s Critical Discourse Analysis (CDA), to reveal the power structures inherent in language; George Marcus’s Multisituated Ethnography, to track the movement’s transnational fluidity and global connections; and Pierre Bourdieu’s Field Theory, to map the struggles over symbolic capital and political authority. This framework aims to reveal the complex digital and ideological infrastructure that enables the advancement of neoconservatism. In addition, the goal is to provide a comprehensive understanding of the dynamics that reshape religious diversity and challenge democratic sovereignty and institutional pluralism in today’s globalized world, addressing gaps related to the influence of political religion in the democracies of the Global South.

Keywords: Neopentecostalism; Dominion Theology; Universal Grammar; Transnationalization.

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno da transnacionalização da extrema direita no campo religioso configura-se como um aspecto circunstancialmente emergente no cenário nacional. Essa realidade delineia um panorama complexo e substancialmente significativo no que diz respeito aos padrões sociais presentes no século XXI. Nesse contexto, tais representações e manifestações políticas não constituem uma realidade isolada, do contrário, há uma convergência pragmática (Habermas, 1989) que ocorre em níveis globais e transforma o campo da pluralidade religiosa na América Latina e no mundo. A escalada do neopentecostalismo se torna uma vertente poderosa na articulação de discursos políticos que favorecem posicionamentos extremistas. Essa aliança estratégica reconfigura a atuação dos movimentos religiosos, convertendo dogmas em plataformas políticas ativas e transfronteiriças.

Em convergência com tais perspectivas, este projeto intenta investigar a formação de redes que alimentam esses processos, tratando o fenômeno não como algo isolado, e sim como uma ação coordenada, que integra interesses comuns, pautas morais e assuntos sensíveis para desenvolver uma espécie de soberania do discurso, alimentada e expandida por meio das redes sociais. Assim, o problema instituído para a presente análise reside na verificação de como os atores integrantes dessa camada social utilizam uma “gramática universal”, padronizando e fundamentando um léxico ideológico que contribui com o processo de unificação e expansão do movimento.

A consolidação desse repertório linguístico compartilhado opera como um cimento ideológico capaz de sobrepor disputas denominacionais menores em prol de um projeto hegemônico comum. Assim, compreender como essa articulação promove uma

resistência ao denominado globalismo progressista, e serve, ao mesmo tempo, a uma agenda política extremista, que ocupa espaços físicos e ecossistemas digitais, propaga e se apropria de símbolos de poder e autoridade política (Bourdieu, 1989), é um dos caminhos a percorrer neste estudo.

Portanto, a presente proposta visa debater os caminhos acerca do desenvolvimento e fortalecimento de discursos extremistas e como as redes sociais contribuem para esse fenômeno, constituindo uma “rede articulada”, onde líderes neopentecostais da América Latina se conectam e promulgam discursos alinhados a pautas extremistas na política latino-americana. Destarte, como vertentes do avanço neopentecostal e ultradireitista, utilizar-se-ão conceitos como o de transnacionalização (Engler; Rocha; Vásquez, 2014), que embasa um dos braços da expansão desses discursos. Busca-se, assim, investigar esse processo através de um pilar que engloba uma rede articulada, a padronização de temas e pautas defendidas nesse escopo, a expansão do que se chama de teologia do domínio, e, por fim, a incessante oposição ao que esses atores denominam como globalismo.

Nesse sentido, delineia-se um caminho investigativo que prioriza a verificação de como a “gramática” comum (termos como ideologia de gênero, defesa da família, nacionalismo, entre outros) formam a base dos discursos disseminados nas redes sociais, sobretudo nos atores de extrema direita, em âmbito internacional, alcançando distintos países latino-americanos. Essa articulação do ecossistema digital atua como um catalisador que converte ressentimentos locais em pautas de mobilização global. Nesse escopo, a transnacionalização em conjunto com as estratégias digitais se torna pontos de investigação para compreender como esses fenômenos

colaboram para promover a união de movimentos outrora isolados e que agora repercutem em escala global.

2. REVISÃO DA LITERATURA

A denominada Teologia do Domínio (Rushdoony, 1973) apresenta as bases do que incorpora a nova face do neopentecostalismo universal, inclusive, aquele pertence à esfera nacional. Nesse sentido, tal perspectiva defende a necessidade de ocupação de esferas da sociedade por coletivos cristãos, que reiteram, defendem e propagam os ideais de sua religião e ocuparem postos influentes e de controle institucional. Nesse sentido, ideias como a do Reconstrucionismo, fundamentada por R. J. Rushdoony, embasam a teoria no que diz respeito aos ideais de reconstrução das nações e transformação de valores culturais a partir da ótica cristã. A premissa central de Rushdoony (1973; 2010) postula que a Lei Bíblica deve governar todos os aspectos da vida humana, substituindo a legislação secular por uma codificação teocrática rigorosa.

Mediante ao supracitado, a concepção acerca da degradação moral da nação acompanhava as ideias de Rushdoony, que defendia que a educação nos EUA se constituía como papel da família, não podendo assim ter interferência do Estado. Esse era o caminho para deter a degradação moral que acompanhava o avanço no país, discurso semelhante ao que se encontra no posicionamento de líderes neopentecostais que ocupam posições de destaque social no mundo. A Teologia do Domínio incorpora, assim, ideias mais amplas, que asseguram grande apoio popular e passa a ser apropriada pela mídia e por grupos religiosos, majoritariamente evangélicos, iniciados primariamente nos Estados Unidos (Rushdoony, 1973).

A Teologia do Domínio possui em suas bases influências bíblicas, no qual o termo “domínio” tem sua origem no livro de Gênesis, que reafirma a missão de “dominai a terra” direcionada não a qualquer ser humano, mas àqueles cristãos que tem em sua moral a crença comum a esses grupos. Diamond (1995, p. 246) destaca que essa posição revela “[...] mais uma visão de mundo do que um discreto conjunto de princípios”. Magali Cunha (2020), pesquisadora da Unicamp que estuda extrema direita e religião, salienta ainda que a Teologia do Domínio nada mais é do que o projeto que visa investigar a articulação do reconstrucionismo teocrático na contemporaneidade, fundamentado na crença de uma predestinação ministerial que impele agentes religiosos à ocupação estratégica de postos-chave na burocracia estatal e nas cúpulas dos Três Poderes. Trata-se da operacionalização do domínio cristão como mecanismo de ingerência direta na esfera pública e na gestão da vida civil.

Somado ao supracitado, nas assertivas de Ronaldo de Almeida, professor e pesquisador da Unicamp – que estuda a “Onda Conservadora” e a “Gramática da Moralidade” no âmbito público – o ativismo político evangélico atual realiza uma ‘transversalidade conservadora’, na qual a agenda moral atua como o elemento que possibilita a esses participantes ocuparem o núcleo do debate público e as posições de decisão estatal, desafiando o laicismo e a diversidade democrática (Almeida, 2017). Essa transversalidade opera ao costurar conexões estratégicas entre setores evangélicos, católicos ultraconservadores e grupos de direita laica em torno de uma pauta moral inflexível.

Nesse escopo, autores como Frederick Clarkson (2016), um dos principais estudiosos do tema no que diz respeito ao cenário

estadunidense, discorre sobre ideias acerca de supremacia religiosa, nacionalismo cristão e visão teocrática, servindo assim de base para os princípios da discussão sobre a Teologia do Domínio. Os trabalhos de Clarkson servem de empréstimo, assim, para discutir os caminhos e origens da fundamentação religiosa que atravessa os processos inerentes a essa postura de grupos específicos da sociedade. Clarkson (2016) adverte que o dominionismo não busca apenas influenciar a política, mas redefinir a própria estrutura da democracia constitucional para subordiná-la a imperativos teológicos.

Em consonância à abordagem de Clarkson, evidencia-se ainda a denominada Doutrina dos Sete Montes, teoria que discorre sobre a necessidade de ocupação das esferas públicas pelos cristãos, lugares estratégicos na sociedade, que os forneça alguma espécie de domínio ou poder através de esferas como religião, educação, família, mídia, lazer, negócios e também governo. Essa ideologia pode ser atribuída a duas figuras, Loren Cunningham, idealizador do Jocum, e também a Bill Bright, responsável pela Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo. Ambos reiteram que as ideias postuladas os encontraram em sonhos, sendo assim, uma manifestação de Deus para todo o mundo (Cunningham, 2007). Essa estratégia, ampliada posteriormente por C. Peter Wagner (2008) sob a égide da “Reforma Neoapostólica”, sistematizou a conquista institucional como um mandato espiritual indispensável para o retorno de Cristo.

Com o intento de ampliar a análise acerca do desenvolvimento da Teologia do Domínio, Rousas J. Rushdoony (1916-2001), Gary North (1942-2022), Francis Schaeffer (1912-1984), C. Peter Wagner (1930-2016) postulam o que se compreende por Teologia do Domínio, visando estabelecer os caminhos para compreender como a retórica

acerca da dominação de espaços sociais se estendeu na contemporaneidade e fincou bases para o desenvolvimento de movimentos extremistas-religiosos que agora se encontram em escala global. Gary North (1982; 1999) contribuiu para essa teia teórica ao integrar o livre-mercado radical ao reconstrucionismo bíblico, argumentando que o capitalismo desenfreado é a expressão econômica do mandamento do domínio. Paralelamente, Francis Schaeffer (1981) popularizou a ideia de que o humanismo secular representa uma ameaça existencial à civilização cristã, conclamando os fiéis à desobediência civil e à ação política combativa. Assim, enquanto Schaeffer forneceu o alarme cultural, Rushdoony, North e Wagner (2008) estruturaram a arquitetura teológico-política para a tomada do poder secular.

Em consequência com o caráter dominador da Teologia do Domínio, faz-se necessário também identificar o processo de transnacionalização e padronização de pautas, ferramentas pelas quais o extremismo religioso-político atua, ganhando cada vez mais capilaridade e rompendo as barreiras que antes os isolavam do mundo social. Assim, por meio desses conceitos, compreende-se que a eficácia da rede que possibilita o processo de transnacionalização, transforma-se em um ecumenismo político que ultrapassa os diferentes dogmas e se une em prol de pautas compartilhadas, promovendo uma agenda reacionária e ultraconservadora (Almeida, 2017).

Nesse escopo, o termo transnacionalização se insere no contexto global no lugar da famigerada globalização, opção feita, inclusive por diversos autores que reiteram a necessidade de uma distinção, sobretudo pelos aspectos que incorporam o deslocamento de fluxos religiosos que coexistem no espaço globalizado. Dessa forma, a

transnacionalização incorpora um processo mais amplo, que insere em seu escopo a noção de desterritorialização, a ideia de que “[...] a cultura global contemporânea não estaria vinculada a algum lugar determinado” (Capone, 2004, p. 10).

O processo de globalização conecta-se à formação e consolidação dos Estados a partir das dinâmicas entre colonizadores e colonizados, sem se debruçar sobre a dissolução dessas estruturas frente à transnacionalização (Capone, 2004). Esta última, por sua vez, volta-se à delimitação dos aspectos culturais que fluem por diferentes espaços internacionais. A obra organizada por Engler, Rocha e Vásquez (2014) ilustra com precisão essa mobilidade ao analisar a diáspora das religiões brasileiras e a capacidade do neopentecostalismo latino-americano de exportar modelos organizacionais e discursivos para outras partes do globo.

Nesse intento, versar sobre as características do processo de transnacionalização contribui para compreender como este fenômeno influi nas dinâmicas contemporâneas em espaços sociais, bem como a noção de como esses aspectos aliam as doutrinas outrora alijadas, transformando-as em algo de caráter universal. Autores como Oro, Steil e Rickli (2012) versam sobre o caráter da transnacionalização, que de acordo com suas perspectivas, possui um aspecto composto, incorporando um “duplo movimento”, que seria a desterritorialização conectada à “indigenização”.

A indigenização, conforme ressaltam Oro, Steil e Rickli (2012), garante que a gramática política transnacional seja recontextualizada e ganhe aderência à realidade local de cada nação latino-americana sem perder sua matriz global.

A constituição de redes, que também integra o processo de transnacionalização, contribui com a “diminuição do planeta” (Augé, 2012, p. 33), ao passo que reescreve os fluxos, uma vez que “[...] ao invés de comunidades de imigrantes tentando desesperadamente se manter em contato com seu local de origem, haveria formação de redes diaspóricas (Capone, 2004, p. 10), configurando o processo que pode ser conhecido como redes culturais desterritorializadas (Capone, 2004). A transnacionalização cria assim “[...] modelos alternativos de ser e existir e oportunizam o surgimento de redes transnacionais de indivíduos que se juntam em torno de uma causa, movimento de ideias ou de valores religiosos” (Oro; Steil; Rickli, 2012, p. 8-9).

Por fim, no intuito de consolidar o campo teórico de análise desse fenômeno, a compreensão de como nasce o inimigo comum, debruçado sobre a ideia do “globalismo progressista” e refletido na oposição a esse conceito, contribui para o aprofundamento sobre a padronização de pautas e universalização do oponente partilhado, aqui refletido na figura de organizações internacionais como a ONU, OMS e UE. Dessa forma, a universalização do caráter antiglobalista deve ser investigada a partir de seu surgimento, desenvolvimento e uso em agenda religiosas-extremistas dentro do campo da vida social (Juergensmeyer, 2008).

Nas assertivas de Juergensmeyer (2008), o extremismo religioso atual se apresenta como uma revolta mundial contra a predominância do secularismo, utilizando a retórica antiglobalista para justificar a reestabelecimento de um controle teológico sobre a esfera civil.

Ernesto de Araújo, ex-chanceler brasileiro, incorpora um desses protagonistas, uma vez que assume uma postura que preza pela libertação da ideologia dentro da esfera política, no intento de combater aquela presente, o que caracterizaria assim, essa segunda, como globalismo. O ex-chanceler se tornou um dos principais protagonistas da extrema direita brasileira, influenciado diretamente por Olavo de Carvalho, seu professor. Acredita-se que o globalismo se manifesta como uma espécie de padrão liberal com caráter anticonservador e antinacional, sobretudo no que concerne à vida social.

Nesse sentido, em sua concepção, o globalismo seria responsável por corroer a esfera democrática, o que exige da esfera social brasileira um combate ferrenho à essa ideologia, que, segundo Araújo é guiada por meio de uma tríade que incorpora conceitos como marxismo cultural, anti-humanismo e anticristianismo (Araújo, 2018; Magalhães, Thomaz, 2021). A pauta antiglobalismo seria responsável então pela manutenção de ideais de destruição dos valores conservadores, por uma oposição aguerrida ao caráter nacionalista, de preservação da família e do moralismo que acompanha tais posições.

Somam-se às proposições de Araújo (2018), os debates engendrados por Magalhães e Thomaz (2021), Gonçalves e Teixeira (2020), e outros autores que investigam as agendas antiglobalistas ao redor do mundo. Conforme sinalizam Gonçalves e Teixeira (2020), essa retórica converteu a política externa em uma arena de cruzada ideológica. Na mesma linha, Magalhães e Thomaz (2021) apontam como esse “mito conspiratório”, que serviu de engrenagem para alinhar a diplomacia a movimentos ultraconservadores globais.

A partir das concepções acerca da Teologia do Domínio, compreende-se como essa rede ganha capilaridade e se expande ao redor do globo, sobretudo em países do Sul Global, como nas nações latino-americanas, com características de uma gramática universal no escopo da pluralidade religiosa, com um *ethos* extremista dentro do processo de transnacionalização de pautas e aproximação das figuras que compõem a extrema direita cristã.

No intento de averiguar tais processos, desvelar a sofisticação da infraestrutura empregue por pastores, políticos e figuras importantes desse campo social na busca pela dominação de espaços sociais, como a política, configura-se como mais uma das tarefas aqui presentes. As redes que sustentam a extrema direita neopentecostal brasileira, e que refletem no exterior, conectando discursos moralistas e pautas identitárias em prol da ascensão desses regimes devem ser reveladas, pondo em centro o debate acerca do real poder das redes sociais na construção dessas narrativas (Cunha, 2025).

Retrocitadas assertivas podem ser evidenciadas no escopo de um *modus operandi*, em que o machismo, o conservadorismo patriarcal e religioso categoriza as mulheres em espaços de limitação e opressão, na formação de uma imagem distorcida e intrinsecamente de conotação medieval, em que territorializa o feminino em espaços domésticos e de submissão. Nas assertivas de Pordeus e Viana,

[...] até hoje muitas submissões de gênero estão relacionadas ao arquétipo da objetificação da mulher, que contribuiu para a crença machista de que ela precisa corresponder às expectativas masculinas, caso contrário merece padecer na mão de seu companheiro ou cônjuge, que decide se ela pode ou não ser abusada física e/ou psicologicamente (Pordeus; Viana, 2021, p. 115).

Consoante Pordeus *et al.* (2023, p. 513), “[...] o desafio de interpretar imagens e de conhecer o que está em seu entorno, possibilita uma intencionalidade com funções sociais focado para a experiência do cotidiano”. Dito isso, é fato que vivenciamos a sacralização do que é privado e a normalização do domínio dos corpos. O filósofo Michel Foucault categorizou essa instituição como biopoder, que é a maneira pela qual o governo e as instituições contemporâneas regulam, administram e influenciam a existência biológica, a saúde e os corpos das comunidades (Pordeus; Silva, 2020).

Tais circunstâncias podem ser testemunhadas principalmente no ápice de campanhas eleitorais.

Num dos episódios, ocorrido durante um debate na Band TV, Marçal chama Tábata Amaral de adolescente que se diz representante de mulheres. Aquela não era a primeira vez que o candidato fazia um pronunciamento tentando desacreditar Tábata por meio de uma infantilização. Ainda na pré-campanha, ele publicou em suas redes sociais que Tábata Amaral não poderia ser candidata à prefeitura de São Paulo porque não teria realizado o que adultos devem realizar para serem considerados como tais e para uma mulher ser plena: casar e ter filhos (Cunha, 2025, p. 17).

Portanto, revelar um fenômeno que ultrapassa a esfera cultural e que possui estratégias de poder bem definidas, ameaçando inerentemente os processos sociais democráticos, é fundamental para discutir os avanços da coordenação internacional desses atores na busca por desestabilizar agendas científicas, democráticas e que corroem os direitos humanos, em prol da ideologia antiglobalista. Em síntese, compreender esses processos é parte fundamental do intento em desarticular tais movimentos, minando suas estratégias de hegemonia cultural, indo além de pautas políticas e assegurando o direito à igualdade, liberdade, democracia e justiça.

3. METODOLOGIA

Com base no caráter analítico da proposta, os caminhos metodológicos escolhidos incorporam a Análise do Discurso como elemento crucial para a construção do *corpus* de pesquisa. A Análise

Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2001), converge com o exercício de compreensão da gramática comum dos grupos aqui estudados, auxiliando no percurso de identificação e interpretação das mensagens. Fairclough (2001, p. 20) considera o discurso como “forma de prática social”, o que posteriormente é reformulado e incorporado aos escritos do autor como uma dimensão dessa prática social. Justifica-se, assim, na ênfase dada ao discurso como prática e manutenção social, a necessidade de uma abordagem da Análise Crítica do Discurso, uma vez que essa converge diretamente com os objetivos primários do estudo. Ao analisar como os discursos circulam em escala transnacional, a perspectiva de Fairclough (2006) sobre linguagem e globalização fornece os subsídios necessários para desvelar a hegemonia discursiva e as relações de dominação na era digital.

Nesse caminho, somada à Análise Crítica do Discurso, adotar-se-á a Etnografia Multissituada, proposta que parte do antropólogo George Marcus, durante os anos 1990, através de seu famoso estudo “Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography”, de 1995. Essa perspectiva permite descentralizar o espaço de análise, enfocando múltiplas dimensões que interferem nos dados de pesquisa, sobretudo em se tratando da transnacionalização de discursos que interagem de forma dinâmica, ganhando corporeidade e força em diversas partes do globo, em específico na América Latina. Seguindo os preceitos de Marcus (1995), a pesquisa assume o compromisso metodológico de “seguir a citação”, “seguir a metáfora” e “seguir o conflito” através das fronteiras físicas e virtuais.

A Análise Crítica do Discurso permitirá um aprofundamento na gramática particular dos grupos religiosos brasileiros e latino-

americanos, ao passo que, o caráter etnográfico e Multissituado permitirá a expansão desses espaços de análise, complementando-se e colaborando multilateralmente. Em conjunto com as duas metodologias propostas, a construção de um mapa do campo religioso, com base nas teorias dos campos de Bourdieu (2006), no qual esses configuram espaços de poder, a busca pelo monopólio da extrema direita religiosa, constituindo o desenho metodológico em uma espécie de tridimensão, que incorpora as três abordagens. Conforme ensina Bourdieu (1989; 2006), o campo político e o campo religioso operam mediante a disputa pela imposição do monopólio da violência simbólica legítima. A apropriação do capital simbólico religioso por agentes políticos neoconservadores converte a fé em autoridade política incontestável.

Nesse escopo, a Análise Crítica do Discurso permite analisar como as categorias de análise: “pátria”, “família” e “liberdade” tem sua ressignificação construída de forma a servir como uma barreira contra aqueles que desses valores, supostamente, não compartilham.

O caráter etnográfico Multissituado corrobora com essa empreitada, ao auxiliar no processo de seguimento da trajetória do discurso, nos seus mais diversos campos e espaços de atuação, investigando como uma proposição aplicada em uma igreja da zona leste de São Paulo, por exemplo, repercute em uma comunidade longínqua na Argentina. Por fim, a teoria dos campos de Bourdieu e seu “capital simbólico” auxiliará na conexão entre essas construções, permitindo a costura que ligará os pontos de análise. Dessa forma, a etnografia Multissituada permite um mapeamento de fluxos discursivos em distintos ambientes que possuem alta capilaridade e poder de desenvolvimento.

4. DISCUSSÃO

Ao aplicarmos a abordagem metodológica tripartite, que combina a Análise Crítica do Discurso (ACD) de Norman Fairclough (2001; 2006), a Etnografia Multissituada de George Marcus (1995) e a Teoria dos Campos e do Capital Simbólico de Pierre Bourdieu (1989; 2006), torna-se possível identificar as semelhanças estruturais, as continuidades no uso do léxico e as estratégias de legitimação que unem o bolsonarismo no Brasil ao movimento ultraliberal-conservador na Argentina, cuja figura central é Javier Milei, junto de seus apoiadores religiosos e intelectuais.

Longe de serem manifestações patrióticas isoladas ou meros eventos conjunturais, os discursos de direita extrema no Cone Sul funcionam como práticas sociais altamente interligadas. Elas compartilham uma espécie de “gramática universal reacionária”, que se desdobra além das fronteiras nacionais e dos ambientes digitais, se deslocando e se adaptando a diferentes contextos.

4.1. A Perspectiva Textual e Discursiva (Fairclough): Como as Categorias de “Pátria”, “Família” e “Liberdade” Estão Sendo Reinterpretadas

A Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001) parte do princípio de que o discurso é uma prática de representação e atribuição de significado, que tanto influencia quanto é influenciada pelas estruturas de poder. Ao examinar o conjunto de discursos de Jair Bolsonaro e dos principais representantes da extrema direita na Argentina, percebe-se uma forte semelhança tanto no sentido quanto nas conexões entre os discursos, especialmente no emprego das categorias principais: “Pátria”, “Família” e “Liberdade”.

4.1.1. A Reinterpretação das Categorias

Pátria: no discurso bolsonarista, a pátria costuma ser vinculada ao lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, criando uma ligação quase sagrada entre a identidade nacional e a fé cristã. Na Argentina, essa ideia volta à tona com uma retórica de retorno aos “valores fundacionais da pátria liberal do século XIX” (buscando recuperar a Argentina pré-peronista), onde a soberania nacional é reinterpretada não como uma defesa dos bens públicos ou da intervenção do Estado, mas como a manutenção de uma identidade judaico-cristã e ocidental contra o “inimigo interno” socialista.

Família: como peça central da moral patriótica, a família heteropatriarcal é vista como a única instituição válida para mediar questões sociais. No Brasil, combater a suposta “ideologia de gênero” e a degradação moral virou uma bandeira para desacreditar políticas de diversidade e direitos reprodutivos. Na Argentina, a forte oposição à linguagem inclusiva, ao aborto legal e às pautas feministas reflete exatamente essa mesma preocupação moral. Para ambos, a família se torna uma fortaleza contra aquilo que consideram uma intervenção corruptora do Estado secular.

Liberdade: o termo “liberdade” sofre uma forte reformulação discursiva. Para Milei, ela é entendida sob o prisma do dogma anarcocapitalista (“a liberdade de mercado e do indivíduo contra o controle estatal”), enquanto no bolsonarismo ela é muitas vezes invocada como “liberdade de culto” e “liberdade de expressão” para disseminar discursos anticiência e desafiar instituições. Em qualquer dos casos, “liberdade” não significa emancipação social ou ampliação dos direitos civis, mas sim a desregulamentação total das

obrigações do Estado e o direito de contestar os princípios fundamentais dos direitos humanos.

De acordo com a figura 1 podemos verificar a sistemática da gramática universal da extrema direita, na expansão do significado de “Pátria”, “Família” e “Liberdade”.

Figura 1. Gramática Universal da Extrema Direita



Fonte: Elaborado pelos(as) autores(as).

De acordo com o modelo tridimensional de Fairclough (2006), a interdiscursividade dessas manifestações evidencia a coexistência de dois discursos principais: a teologia política da dominação e a narrativa neoliberal comum. Dessa forma, o discurso não funciona apenas como um reflexo do mundo, mas também como uma ferramenta de controle linguístico, que busca tornar natural a exclusão e demonizar quem é considerado adversário.

4.1.2. A Dimensão Etnográfica Multissituada (Marcus): “Seguir Citações, Metáforas e Conflitos”

A utilização da Etnografia Multissituada de George Marcus (1995) possibilita romper com a ilusão do “nacionalismo metodológico”, acompanhando como os discursos circulam além das fronteiras. Ao seguir os princípios de “seguir a citação”, “seguir a metáfora” e “seguir o conflito”, percebe-se como as ideias que alimentam a extrema direita no Brasil e na Argentina se movimentam em um circuito conectado de *think tanks*, redes sociais e plataformas religiosas.

No acompanhando dos Fluxos Transnacionais, temos o *Seguir a Citação*: as referências teóricas e bibliográficas empregadas pela extrema direita nos dois países são praticamente idênticas. Autoridades da Escola Austríaca de Economia, como Ludwig von Mises e Friedrich Hayek, são citados junto com o pensamento do Reconstrucionismo Cristão de R. J. Rushdoony, além da retórica antiglobalista propagada por olavistas e pela *alt-right* dos EUA. As declarações de líderes em Buenos Aires reproduzem termos, expressões e diagnósticos já formulados por atores em Brasília ou nos Estados Unidos, formando uma rede de citações mútuas que reforça a autoridade ideológica do grupo.

Seguir a Metáfora: a ideia do “Globalismo Progressista” ou “Marxismo Cultural” surge como a narrativa principal para explicar todos os problemas sociais. O “globalismo” é representado como um monstro invisível e onipresente – simbolizado por organismos como a ONU, a OMS e a União Europeia – que visa destruir a soberania nacional e os valores familiares. Outra metáfora poderosa que cruza fronteiras é a do “vírus” ou da “infecção marxista”, que exige uma purificação ou uma “guerra cultural” para livrar a sociedade do mal.

Seguir o Conflito: os conflitos se evidenciam nos ataques coordenados às instituições democráticas, ao meio acadêmico e ao jornalismo profissional. Quando a extrema direita brasileira questiona a legitimidade do sistema eleitoral ou acusa o Judiciário de autoritarismo, esse mesmo padrão de conflito e vitimização é rapidamente adotado por atores argentinos ao atacarem a “casta política” e o sistema judicial-institucional.

A desterritorialização do discurso (Capone, 2004) e a “diminuição do planeta” (Augé, 2012) possibilitam que um sermão realizado por um pastor neopentecostal em São Paulo ou um *tweet* enviado de Buenos Aires gerem respostas rápidas e coordenadas na geopolítica do Cone Sul. As plataformas digitais atuam como um verdadeiro laboratório etnográfico, onde redes diaspóricas e reacionárias se interligam, padronizando reações emocionais e estratégias voltadas às eleições.

4.1.3. A Dimensão do Espaço de Poder e da Violência Simbólica (Bourdieu): Conflitos Pelo Domínio da Autoridade Política

A teoria dos campos de Pierre Bourdieu (1989; 2006) ajuda a entender de que maneira esses discursos atuam na esfera das disputas pelo controle. Os campos político e religioso têm suas próprias dinâmicas, porém a característica marcante do bolsonarismo e da extrema direita na Argentina é a tentativa de unir esses espaços de forma estratégica, com o objetivo de acumular e transformar capital simbólico.

No âmbito da dialética do capital simbólico e da violência simbólica, de acordo com Bourdieu, a autoridade política está relacionada à habilidade de um indivíduo de fazer sua própria visão de mundo

parecer universal, por meio do exercício da violência simbólica legítima.

Na transformação do capital religioso em capital político, líderes neoconservadores tanto no Brasil quanto na Argentina utilizam o capital religioso – como a “santidade, a iluminação divina e a autoridade pastoral” – e o transferem diretamente para o campo político. No Brasil, isso se refletiu na figura de Bolsonaro, que se posicionou como um líder messiânico libertador (“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”). Na Argentina, essa estratégia aparece no uso de metáforas bíblicas por Milei (“As forças do céu” / *Las fuerzas del cielo*), citando o Livro dos Macabeus.

Na formação do monopólio moral, ao transformar a disputa política em uma “guerra espiritual” entre o Bem e o Mal, impede-se qualquer debate democrático racional (Habermas, 1989). O adversário passa a ser visto como algo maligno ou como um traidor da pátria, destruindo sua legitimidade. A violência simbólica se torna mais forte quando as pessoas começam a perceber a dominação e a retirada de direitos, não como uma imposição autoritária, mas como uma obrigação moral essencial para a salvação da nação.

De acordo com a figura 2 podemos dimensionar analiticamente a extrema direita no Brasil e na Argentina, assim como sua matriz sociológica:

Figura 2. Análise da Extrema Direita no Brasil e Argentina

DIMENSÃO DE ANÁLISE	EXTREMA DIREITA NO BRASIL (BOLSONARISMO)	EXTREMA DIREITA NA ARGENTINA (MILEÍSMO)	MATRIZ SOCIOLÓGICA / CONCEITUAL
NÚCLEO DO DISCURSO (ACD)	Brasil acima de tudo, Deus acima de todos; Defesa da família tradicional contra a "ideologia de gênero"	A liberdade avança; Combate à "casta política" e ao "marxismo cultural"	Fairclough: Resignificação de Pátria, Família e Liberdade como hegemonia discursiva
CIRCULAÇÃO DAS REDES (ETNOGRAFIA)	Algoritmos e grupos de WhatsApp; Ecossistema de desinformação e "fake news" como ferramenta de engajamento	Redes sociais abertas (Twitter, TikTok); Uso intensivo de memes e retórica anti-sistema para mobilização	Castells: A sociedade em rede e a comunicação de massa individualizada (self-mass communication) na formação de identidades
APROPRIAÇÃO DO CAPITAL (CAMPOS)	Acúmulo de capital econômico e político; Apoio de setores do agronegócio, militares e evangélicos	Capital cultural e simbólico; Mobilização de jovens e setores urbanos desiludidos com a crise econômica	Bourdieu: Conversão de diferentes formas de capital (econômico, cultural, simbólico) em poder político dentro de campos específicos
RESULTADOS E IMPACTOS	Polarização política extrema; Ataques às instituições democráticas e erosão da confiança pública	Questionamento do modelo econômico e social; Propostas radicais de reforma do Estado e economia	Giddens: Reflexividade institucional e os riscos fabricados da modernidade tardia na desestabilização da ordem social

Fonte: Elaborado pelos(as) autores(as).

A aplicação dessa abordagem metodológica em três dimensões revela que os discursos de Jair Bolsonaro e da extrema direita na Argentina não são eventos isolados, mas sim manifestações regionais de uma mesma estrutura ideológica e digital.

A Análise Crítica do Discurso revela como a linguagem ressignifica conceitos como pátria, família e liberdade com o objetivo de exercer dominação. A Etnografia Multissituada acompanha a circulação dessas metáforas e conflitos pelo espaço digital em uma perspectiva transnacional. Por fim, a Teoria dos Campos de Bourdieu mostra como a combinação entre capital religioso e político enfraquece o laicismo, promovendo uma violência simbólica que ameaça a

diversidade democrática no Sul Global. Entender essa articulação discursiva e transnacional é o primeiro passo para dismantelar os mecanismos que promovem o reacionarismo contemporâneo na América Latina.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revela que o crescimento da extrema direita neopentecostal na América Latina não se resume a um fenômeno isolado ou local, mas reflete um projeto político-teológico transnacional bem articulado. Ao explorar as redes complexas por trás dessa expansão, fica claro que a agenda neoconservadora no Sul Global se apoia em uma estrutura ideológica sofisticada, onde a fé deixa de ser algo privado para atuar como uma ferramenta ativa na luta pelo controle do Estado. Utilizando a Teologia do Domínio (Rushdoony, 1973; Wagner, 2008) e promovendo sua aplicação na ocupação de instituições seculares, o neoconservadorismo religioso desafia diretamente os fundamentos das democracias liberais e o princípio constitucional do laicismo estatal na região.

A abordagem analítica adotada, combinando a Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001; 2006); a Etnografia Multissituada de Marcus (1995) e a Teoria dos Campos de Bourdieu (1989; 2006), mostrou-se eficaz para entender as estruturas que sustentam esse movimento. Observou-se que a conversão de um vocabulário moral padronizado em uma “gramática universal” funciona como o elo que conecta esses grupos em escala global (Engler; Rocha; Vásquez, 2014; Oro; Steil; Rickli, 2012).

Termos polissêmicos como “família”, “pátria” e “liberdade”, reinterpretados na luta contra o “globalismo progressista” (Araújo,

2018; Juergensmeyer, 2008), atuam como forças unificadoras, fortalecendo vínculos sociais e movimentos eleitorais além de fronteiras e diferenças religiosas.

O sucesso dessa estratégia está na capacidade de transformar medos e alarmismos morais em plataformas políticas concretas, oferecendo aos fiéis um sentimento de pertencimento e missão sagrada diante das incertezas da modernidade tardia.

A pesquisa também evidencia o papel central das redes digitais e transnacionais desterritorializadas (Capone, 2004) na “diminuição do planeta” (Augé, 2012) e na aceleração desses fluxos discursivos. A mudança da doutrina bíblica tradicional para uma ação política mediada pela internet permitiu às lideranças neopentecostais driblar os canais institucionais convencionais, criando uma via direta de mobilização de multidões.

As redes sociais deixaram de ser meramente plataformas de disseminação de conteúdo para se tornarem arenas de disputa pelo capital simbólico (Bourdieu, 1989) e pela hegemonia cultural, onde conflitos locais rapidamente se integram às narrativas extremistas globais. Essa “transversalidade conservadora” (Almeida, 2017) se consolida ao articular o medo moral com estratégias nos Três Poderes (Cunha, 2020).

Ao analisar a transnacionalização desse movimento na América Latina, percebe-se que a aceitação de ideias como o Reconstrucionismo de Rushdoony (1973) e a Doutrina dos Sete Montes (Cunningham, 2007; Wagner, 2008) só foi possível graças a um processo cuidadoso de adaptação cultural. As lideranças locais souberam traduzir esses conceitos teocráticos americanos para o

cotidiano latino-americano, explorando fragilidades nas instituições, desigualdades históricas e ressentimentos contra agendas seculares de direitos humanos. Nesse contexto, o “globalismo progressista” passa a ser visto como uma ameaça externa às tradições nacionais e familiares (Araújo, 2018; Magalhães; Thomaz, 2021). O antiglobalismo se torna assim uma narrativa unificadora que legitima ataques verbais, questionamentos às eleições e enfraquecimento das garantias democráticas.

Outro ponto importante reforçado por este estudo é o impacto direto dessa agenda na deterioração da esfera pública e do pluralismo tanto na sociedade civil quanto nas igrejas. A teologia dominionista, ao tratar a política como uma guerra espiritual contra forças malignas, exclui o diálogo e a negociação pragmática, elementos essenciais do pacto democrático (Habermas, 1989). Os adversários políticos deixam de ser considerados rivais legítimos e passam a ser inimigos a serem eliminados. Essa visão maniqueísta prejudica a coesão social, aumenta a polarização e dá respaldo para que minorias políticas, étnicas e sexuais sofram novas formas de violência simbólica e física, muitas vezes apoiadas por legislações e ações estatais.

Portanto, desvendar os mecanismos da Teologia do Domínio e seu crescimento na América Latina não é apenas um exercício acadêmico rigoroso, mas também uma necessidade urgente para proteger a diversidade cultural, os direitos humanos e a soberania democrática no Sul Global. Nesse contexto, o mapeamento dessas estruturas discursivas e digitais mostra que esse avanço reacionário não é algo inevitável, haja vista resultar das constantes disputas pelo poder político-religioso.

Para pesquisas futuras, recomenda-se aprofundar a análise dos fluxos financeiros envolvidos na sustentação de institutos de pesquisa, fundações e *think tanks* ultraconservadores transnacionais. Além disso, sugere-se estudar o papel das bancadas evangélicas e ultradireitistas no legislativo regional, avaliando como a Teologia do Domínio influencia políticas públicas relacionadas à educação, saúde reprodutiva e à defesa do laicismo nas constituições latino-americanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. de. A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo. Cadernos Pagu, Campinas, n. 50, e175001, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Cr9ShrVJbCWsDHMrxTDM3wb/?lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2026.

ARAÚJO, E. Ideologia não, ideias sim. Metapolítica, v, 17. [S.L], 2018. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20181114191256/https://www.metapolitica-brasil.com/>. Acesso em: 07 maio 2026.

AUGÉ, M. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2012.

BOURDIEU, P. As estruturas sociais da economia. Tradução de Lígia Calapez e Pedro Simões. Porto: Campo das Letras, 2006.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAPONE, S. À propos des notions de globalisation et de transnationalisation. Civilisations, Bruxelles, v. 51, n. 1-2, p. 9-22, 2004.

CLARKSON, F. The rise of dominionism: remaking America as a Christian Nation. Somerville: Political Research Associates, 2016. Disponível:

<https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315438412-15/rise-dominionism-frederick-clarkson>. Acesso em: 7 maio. 2026.

CUNHA, C. V. da. Religião, masculinidade viril e retórica da perda na política brasileira pós-Bolsonaro. Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, v. 45, n. 3, p. e450304, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/S5ygMwwP7YNyL5CP7ZWzwLy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em:

<https://www.scielo.br/j/rs/a/S5ygMwwP7YNyL5CP7ZWzwLy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2026.

CUNHA, M. do N. Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos. Revista Cult, São Paulo, v. 23, n. 257, p. 14-17, 2020.

CUNNINGHAM, L. The book that transforms nations: the power of the Bible to change any country. Seattle: YWAM Publishing, 2007.

DIAMOND, S. Roads to dominion: right-wing movements and political power in the United States. New York: The Guilford Press, 1995.

ENGLER, S.; ROCHA, C.; VÁSQUEZ, M. A. (orgs.). The diaspora of Brazilian religions. REVER: Revista de Estudos da Religião, v. 14, n. 1, p. 323-326, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/20281>. Acesso em: 7 maio 2026.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Coordenação de tradução, revisão técnica e prefácio de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. Language and globalization. London: Routledge, 2006.

GONÇALVES, W. da S.; TEIXEIRA, T. Considerações sobre a política externa brasileira no governo Bolsonaro e as relações Brasil-EUA. Revista Sul Global, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 192-211, 2020.

HABERMAS, J. Consciência moral e agir comunicativo. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

MAGALHÃES, D. T. D.; THOMAZ, L. F. The conspiracy-myth diplomacy: anti-globalism vs pragmatism in Bolsonaro's foreign policy for South American integration. Oikos, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 52-73, 2021.

NORTH, G. The Covenantal Wealth of Nations. Biblical Economics Today, v. 21, n. 2, feb./mar. 1999. Disponível em <https://web.archive.org/web/20071112035747/http://reformed-theology.org/ice/news-let/bet/bet99.02.htm>. Acesso em: 6 maio 2026.

NORTH, G. The intellectual schizophrenia of the New Christian Right. In: JORDAN, J. B. (org.). The failure of the American Baptist culture. Tyler: Geneva Divinity School, 1982. p. 1-40.

ORO, A. P.; RICKLI, J.; STEIL, C. A. (ed.). Transnacionalização Religiosa: fluxos e redes. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

PORDEUS, M. P. *et al.* Cultura digital e construção de conhecimentos: uma discussão sociológica discursivo-imagética

para a práxis docente . Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 9, n. 11, p. 512–521, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/12078>. Acesso em: 5 jun. 2026.

PORDEUS, M. P.; SILVA, C. M. V. Violência contra as mulheres na conjuntura do biopoder: situações cotidianas e controle do sexo. *In*: Anais do XI Congresso Internacional da ABraSD: trabalhos completos, 2020, Porto Alegre - RS. Sociologia jurídica hoje: cidades inteligentes, crise sanitária e desigualdade social. Porto Alegre-RS: Associação Brasileira de Pesquisadores em Sociologia do Direito, 2020. p. 2216-2221.

PORDEUS, M. P.; VIANA, R. A. Feminismo, desigualdade de gênero e LGBTfobia: a interseccionalidade das minorias no Brasil. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 11, n. 26, p. 113-131, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/4651/3884>. Acesso em: 15 jun. 2026.

RUSHDOONY, R. J. *The Institutes of Biblical Law: Law and society*. v. 2. Vallecito: Ross House Books, 2010.

RUSHDOONY, R. J. *The Institutes of Biblical Law*. Nutley, NJ: Craig Press, 1973.

SCHAEFFER, F. A. *A Christian Manifesto*. Wheaton, IL: Crossway Books, 1981.

WAGNER, C. P. *Dominion! How Kingdom Action Can Change the World*. Grand Rapids, MI: Chosen Books, 2008.

¹ Doutor em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Advogada, graduada em Direito pela Faculdade Luciano Feijão (FLF). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

³ Advogada, especialista em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁴ Advogado, doutorando em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁵ Advogada, doutoranda em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁶ Doutor em Economia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁷ Doutoranda em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁸ Doutoranda em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁹ Especialista em Gestão Pública pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

¹⁰ Mestra em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

¹¹ Advogado, Mestrando em Direito Privado pelo Centro Universitário 7 de setembro (UNI7). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)